



**O TEMPO E O MODO No.—22**

Provas remetidas à Censura

em/ 10-12 /64

Prova n.º 5

Saída em 28/12/64

**O FIM DE KRÚSTSCHEV**

O fim da carreira de Krustschev poderia ser um péssimo episódio se representasse uma vitória do militarismo local. Tal como as coisas estão encaminhadas, a existência de uma corrente militarista na U. R. S. S. não passa de uma hipótese que a evolução da recente crise parece contradizer.

O facto de Krustschev ter sido afastado sem movimentos de tropas nem capturas a meio da noite é significativo. Mostra que, pelo menos nesse ponto, o camarada Nikita foi fiel aos seus projectos de desestalinização. Deste modo, a sua deposição por vias legais — uma decisão de um órgão colectivo com competência para ela — é afinal um voto de louvor ao que de mais positivo o demitido terá legado à política interna do seu país. Quanto à política externa, podemos recordar que o fracasso inevitável da conferência internacional seria um factor de confusão, ou de coisas piores. Quem quer que desejasse salvar a direcção tomada no acordo de Moscovo sem contribuir para um cisma que cindisse o mundo socialista não poderia senão desejar que Krustschev saísse, e por um processo que mostrasse estar a U. R. S. S. apta a resolver problemas destes pelas vias constitucionais.

E foi o que aconteceu.

N. B.

**REVISÃO DE CENSURA  
(STDP)  
CORTADO**



O TEMPO E O MODO N.º.—22

Provas remetidas à Censura

em 10-12/64

Prova n.º 9

Saída em 28/12 64

Esta distribuição geográfica, por si só, mostra o verdadeiro significado da vitória de Johnson: uma condenação do extremismo sim, mas do extremismo da direita; apenas os estados que estão comprometidos com uma política racista é que votaram em Goldwater. Todos os outros rejeitaram o programa aventureiro e aventureiro (lembramo-nos das «bombinhas» atômicas no Vietman) do candidato republicano.

Se utilizamos o *CBS's Vote Profile Analysis* o significado de vitória de Johnson aparece-nos mais claro ainda: 97 % dos negros, 72 % dos católicos (contra 63 % nas eleições de Kennedy), 54 % dos WASP (*white anglo-saxon Protestants*), 95 % dos *low income voters* (que vão beneficiar com a lei de combate à pobreza proposta por Johnson), 75 % dos *middle-income voters*, 53 % dos *farmers* (pequenos proprietários agrícolas), 75 % dos habitantes das grandes cidades, 59 % dos habitantes dos subúrbios, todos votaram em Johnson.

Estes números mostram que os membros dos grupos sociais desfavorecidos votaram sobretudo no sucessor de Kennedy — o que não quer dizer que Johnson fosse o seu candidato, mas o que significa que Goldwater não o era de certeza. Aliás tem interesse verificar que antes de Kennedy ser morto o seu avanço sobre Goldwater era também de 70 %.

Os planos pequeno-maquivélicos que Goldwater tinha elaborado à volta do *back-lash vote* (voto dos brancos pobres, atemorizados pela agitação dos negros, no candidato republicano) revelar-se ter mais que ver com a ficção científica do que com a ciência política: o único movimento nesse sentido foi o da comunidade polaco-americana que tendo apoiado Kennedy por 4 contra 1 apenas apoiou Johnson por 3 contra 1, o que de resto, não chegou para dar a vitória a Goldwater. Mas Deus castiga sem pau nem pedra: se o *back-lash* ficou no campo das hipóteses, o *frontlash* (mudança do partido republicano para o democrático) revelou-se uma infeliz (para Goldwater) realidade: Johnson obteve 67 % dos votos no até aqui sempre republicano Vermont, 54 % na habitualmente republicana cidade de Indianapolis, 60 % em San Diego e Orange Country (onde Nixon obtivera 60 %), e até em muitos outros lugares. Este «*frontlash*» é causado não por uma qualquer evolução para o partido democrático por parte do eleitorado (conservador) republicano mas sim por uma clara repulsa pelos métodos e programas de Goldwater.

Juntamente com Lyndon Baynes Johnson (~~sobre cuja bem conhecida personalidade de «côw-boy» triste, e de político oportunista, não insistiremos~~) foi eleito como vice-presidente Hubert Horatio Humphrey que, segundo o próprio Johnson, terá um papel mais activo ainda do que Johnson quando vice-presidente: HHH supervisionar! o trabalho, a saúde, o *welfare*, e a agricultura. Devem-se a HHH alguns dos poucos momentos de bom humor da campanha que agora acaba: referindo-se a Goldwater a quem previamente havia intitulado de «*chefe duma fracção duma facção da reacção*», disse que ele seria «*um bom vizinho, mas não um bom Presidente*»; a Miller, candidato

SEMPRE DE CENSURA  
AUTORIZADO  
COM O  
PREFEITO

**O TEMPO E O MODO No.—22**

Provas remetidas à Censura

em/ 10-12/64

Prova n.º 13

Saida em 28/12/64



**RODÉSIA: UM SONHO DESFENTO**

O sonho dourado de Jan Smith foi perturbado no dia 15 de Outubro pela vitória Trabalhista nas eleições gerais da Grã-Bretanha.

Na verdade, o acordo entre o primeiro-ministro Rodesiano e Sir Alec Douglas Home era perfeito: a minoria branca (250 000 para 4 000 000 de negros), fielmente acompanhada pelos zelosos funcionários públicos (que o são) os chefes tribais, aprovaram o Referendo para a «sua» independência (como efectivamente aprovaram por 90 % dos votos); em seguida o «compreensivo» governo (Tary) de Sua Majestade, ouvindo deste modo a opinião do «povo» Rodesiano, conceder-lhe-ia a independência nos termos da Constituição de 1961; tudo legal... tudo muito legal...

Mas reparemos, um pouco menos diplomáticamente do que o fez Douglas-Home, no conteúdo verdadeiro de tal independência. Não se trata aqui senão do aproveitamento do termo para um estabelecimento a longo prazo da situação social existente, do domínio político e económico da facção minoritária branca sobre a população total; em suma: mais um dos já conhecidos tapões brancos. E a justificar as nossas palavras a respeito dos métodos preferidos e desejados pelo Sr. Jan Smith, aí está a recente decisão do «Ministério da Lei e da Ordem» de manter por mais quatro anos encarcerados os dirigentes do partido nacionalista africano da Rodésia: Ioshuma Wkoma e Ndabanani Sithole; e isto apesar de o Supremo Tribunal da Justiça ter ordenado a sua imediata libertação!

Todavia, voltando à vitória do Labour Party no dia 15, teremos o início das preocupações de Jan Smith. E, embora este esperasse já que nada de bom lhe poderia vir do lado trabalhista, o certo é que talvez tivesse dado demasiado crédito às vozes que repetem (em muitos pontos com razão, diga-se) que o trabalhismo já não é o que fora noutros tempos. O facto é que Wilson Reagiv, e com a maior firmeza, pois que mal chegado ao poder, retirou a confiança do governo inglês no pseudo-referendo Rodesiano, recusando-se a conceder uma independência que não estivesse de acordo com os princípios de emancipação e descolonização dos povos e reafirmando aliás no recente Discurso da Coroa, um governo de representação proporcional, portanto de maioria negra. Propôs ainda que Jan Smith se deslocasse a Londres para encetar conversações tendentes à realização de uma mesa redonda com os chefes nacionalistas negros.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SABE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES



de civilizações jovens e fortes e também conscientes disso; poemas de alegria e de esperança e poemas do desespero e da opressão; poemas longos e poemas breves; poemas que falavam de mundos desconhecidos e outros de mundos conhecidos, mas todos sempre virgens e intocados.

E acabámos assim. A sessão não foi encerrada. Uma sessão daquelas não podia ser encerrada.

Que ficou do Encontro de Berlim? Quais as conclusões? A quem mo perguntar, eu respondo que o mais importante para todos ali não era, ao discutirmos, obtermos conclusões estáveis ou fixarmos ideias, embora uma e outra coisa tenha acontecido para muitos de nós em vários aspectos; não era propriamente fazermos avançar qualquer coisa que possa e deva avançar como o conhecimento da etiologia do cancro. O nosso objectivo era confrontarmo-nos, trocarmos experiências, pensarmos em conjunto, compreendermo-nos melhor, alargarmo-nos a mais vastos mundos e mais fundas dimensões. As únicas conclusões possíveis daqui decorriam. E eu sustento e garanto que isto é prático, que isto é tão prático como outra coisa qualquer, ou mais prático que outra coisa qualquer. O Encontro teve a utilidade e a inutilidade que a mesma poesia tem. Andou no ar, no dia em que se falou dos problemas da tradução de poesia, a hipótese vaga de uma vaga instituição, através da qual os poetas pudessem trocar os seus poemas para serem traduzidos. Essa instituição pode e deve vir a existir um dia. Mas não serão os poetas como tais a criá-la, creio eu. Os poetas farão poemas e, esperemo-lo, traduzirão poemas. Não foi sequer o princípio disso que se edificou em Berlim. Mas iniciou-se em cada um de nós, se não estava iniciado já, um sentimento comum da nossa força e da nossa fraqueza de poetas, um sentimento comum do nosso lugar no mundo dos homens deste século. Um sentimento comum: foi essa a conquista de Berlim. Sabemos em comum que a nossa comum solidão de criadores é povoada da nossa comum solidão de homens. E isto é prático.

Quando chegámos a Berlim, na pasta que cada um de nós recebeu com a documentação do Encontro estavam duas folhinhas com uma mensagem de um notável poeta que não estava presente: Léopold Sédar Senghor.

Essa mensagem começava por lembrar o Presidente Kennedy, a cuja memória o Festival de Berlim deste ano era simbolicamente dedicado por um concerto coral inaugural, com a presença do Burgomestre Willy Brandt e do Rev. Martin Luther King. Dizia Senghor que Kennedy havia sido um *politique* e não um *politicien*, e isto porque tinha a qualidade de descobrir sob a diversidade dos factos a presença do acontecimento que na

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTE



desordem do presente anuncia a linha do futuro. E essa é a permanente descoberta dos poetas, que testemunham da permanência do Espírito.

E continuava: «É difícil a um político, ou mais simplesmente, a um homem que pensa, continuar optimista entre os «imensos acontecimentos que agitam o mundo». Mais uma vez, mais não há que preconceitos e ódios, mentiras e violências, riquezas desdenhosas de uns e privações invejosas dos outros. E, se é verdade que o medo invade os donos do mundo — os políticos, os sábios, os generais — não é para os tornar mais sensatos. Pois eis que os nacionalismos e os racismos se substituem às ideologias, eis que os sábios, embora continuem a assinar declarações pacifistas, revelam novas invenções que amanhã estarão ao serviço da Morte, eis que os generais e ministros da Guerra nos apresentam a Esperança como filha da Ignorância». E Senghor concretizava o lugar dos poetas num mundo assim:

«Eu disse que só o espírito permanece e vela no meio destas ruínas e trevas da razão, como um archote na mão dos poetas. Não quero dizer que estes não exprimam estas ruínas e estas trevas.

Melhor que os políticos, melhor que os sábios, melhor que os generais, os Poetas cantam os sofrimentos dos mais sofrendores dos homens, e, ao cantá-los, fazem-nos vivê-los. Porque a imagem simbólica que usam, a melodia e o ritmo, são exactamente os elementos cuja simbiose se torna Energia humana ou Força vital.

«Mas os poetas fazem mais. Dotados de uma visão dupla, muito exactamente de uma vida e de uma visão interiores, eles distinguem, como eu dizia de Kennedy, o Acontecimento por baixo do quotidiano, a Árvore gigantesca do Futuro nas lianas do presente. É porque são visionárias, nestes tempos de exílio e desamparo, que os poetas são como os profetas: guias e sustentáculos do povo.

«Eis porque ao anunciarem o futuro, eles anunciam ao mesmo tempo a Cidade Nova: o Governo mundial e a civilização da abundância. A Civilização dos Tempos Livres, em que a profecia se realizará: o reinado da Poesia. Digo o reinado da infância; em que o acto será ideia e a expressão, visão. Em que os homens serão finalmente irmãos na liberdade e na igualdade, porque «diferentes e juntos».

Demorei propositalmente a citação de Senghor, porque as suas palavras concretizaram muito melhor do que eu o poderia fazer, aquilo do que é prático no que ficou de Berlim. E espero que a ideia tenha ficado suficientemente esclarecida.

PEDRO TAMEN

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SDE)  
CORTADO

Provas remetidas à Censura

em 18-12/64

Prova n.º 58 28

Saída em 28/12/64



~~PERÓN AS DIFICULDADES DE VIAJAR OU O FIM DUM MITO~~

O caso em si é singular: Juan Péron ex-presidente da república Argentina (e ex-muitas outras coisas desde excomungado a ditador e a violador de menores), a banhos em Espanha, resolveu voltar ao seu país natal (ah! as saudades...) já que legalmente nada o impedia de fazer tal viagem; resolvido isto, Péron meteu-se num avião para a sua Argentina; chegado ao Brasil, porém, a sua travessia é interrompida à força e Péron é remetido à procedência, ou seja à vizinha e amiga (vizinha nossa e antiga de Péron) Espanha. Mas então a Espanha, continuou a ser vizinha nossa mas deixou de ser amiga de Péron, não esteve com meias medidas e destinou o pobre homem para o quarto andar dum qualquer hotel numa qualquer estância de turismo (Tone-molinos, para os interessados).

Mas se o caso é simples sóbrio (e até vagamente ridículo) nem as motivações nem as conclusões que dele se podem tirar são simples ou mesmo óbvias; e por isso, justificam uma análise, ainda que sumária.

A questão pode ser vista de vários prismas: naturalmente, o de Péron, que (ao contrário do que se possa pensar) nem sequer é o que mais importa, depois da Argentina a qual, como nós todos sabemos e às vezes esquecemos faz parte da América Latina a que também pertence o Brasil, (et...); por fim a Espanha que aqui nos surge como um terceiro gaudens (ou non gaudens).

As razões que levaram Péron a regressar à sua terra são relativamente fáceis de discernir: o processo que Péron usa para realçar o poder é o resultado duma dialéctica entre a deterioração da situação política e económica argentina e o concomitante fortalecimento das forças peronistas: ora o que actualmente sucede é que a situação argentina se estabiliza (com fracos pontos de apoio é certo) e o que se deteriora é a força do peronismo atacado simultaneamente por muitos lados (pelo centro e pela esquerda); ora Péron o que pensou foi aproveitar a estabilidade existente para voltar à Argentina (noutras condições isso ser-lhe-ia totalmente impossível) e, a partir deste regresso, reactivar as forças peronistas. Mas o que sucedeu é que nem o governo argentino consentiu que a estabilização fosse perturbada por Péron nem as forças peronistas foram suficientemente fortes para perturbar essa estabilidade.

Tentando voltar à Argentina, Péron quis evitar que se criasse à sua volta um novo mito sebástico — esperar por dom Sabastião quer venha ou não. Péron veio; ou melhor, tentou vir e não foi capaz: a partir de agora ninguém mais esperará que ele venha. Mas talvez seja interessante saber qual o motivo porque durante tanto tempo tanta gente (1/3 do eleitorado) esperou por Péron. Nos nove anos que governou a Argentina (1946-1955) o produto nacional diminuiu 7% e o rendimento nacional *per capita* aumentou 3,5% o que significa que não se investiu, as exportações diminuíram, as importações aumentaram, a sua política petrolífera foi totalmente desprovida de sentido (assustando as companhias americanas mas não investindo capitais nacionais) mas (há sempre um mas), a inflação chegou a atingir os 50% anuais, o rendimento do operariado industrial aumentou 47% à custa das classes campestre e média (o que atraiu 75% da população para as cidades), um sistema de segurança social (assistência médica e pensões) foi instalado, etc. Assim Péron é aparentemente o contrário da *affluent society*: nesta há progresso económico mas não há redistribuição da riqueza; com Péron não havia progresso, mas havia redistribuição. É este o motivo que levou os descamisados argentinos a idolatram Péron. Mas as massas às vezes também se enganam, e esta é uma das vezes, porque as reformas de Péron

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO

2

são puro e simples fogo de artifício: nada do que Péron fez abalou de perto ou de longe a segurança da grande burguesia argentina, pois todos os benefícios do operariado argentino foram extorquidos a classes também exploradas. Neste momento o próprio operariado argentino está a fugir às já de si tão divididas organizações peronistas. Isto, com a malograda viagem é o fim do mito Péron — ou seja o mito de que a direita pode fazer reformas na América Latina (noutras terras a direita nem sequer fala em fazer reformas); o que, a curto prazo, é um triunfo para o centro mas que a médio prazo pode muito bem ser a corda com que este se enforcará (lembramos que a partícula «se» tanto pode ser um pronome reflexo como uma partícula apassivamente vide por ex. a gramática portuguesa de J. Relvas). E o que se diz para a Argentina é valido para outros países latino-americanos (chegados aqui, uma consulta do Atlas é altamente útil). Mas além de Péron, da América Latina toda, também o Brasil e a Espanha metem a sua colherada: o Brasil trata Péron como gostaria de ver tratados os seus exilados — a pontapé — mas ao mesmo tempo priva-se da possibilidade (aliás remota) de vir a ter um governo irmão (referimo-nos à América Latina, claro); a Espanha, interessada por um lado em criar um prestígio liberal nos países anglo saxónicos, por outro em manter boas relações com as republicas hispano-americanas sejam elas quais forem (vide o caso de Anzoategui), a Espanha não hesita em imolar Péron, esquecendo a amizade — e as posições tomadas em comum no passado. De Espanha — poderá agora dizer Péron — nem bom vento nem bom casamento. E terá razão; o que não terá, certamente, é o poder.

S. M.

SERVÍCIOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
CORTADO



Saida em 28/12/64

Prova n.º 54 28

em 18-12-64

Provas remetidas à Censura

O TEMPO E O MODO N.º-22

em/ 18-12/64



lado em Paris em 1906, ali fora grande amigo de Modigliani, sofrera-lhe a influência e com ele expusera, antes de se lançar na exploração dos caminhos do cubismo e do expressionismo. Neles, Amadeo não tivera companhia de compatriota, ou muito vaga e prudente, e, pertencente a outro meio cultural, exigindo outro gosto, em vão se debateu em Portugal, esperando o fim da guerra que de novo lhe abriria as portas de Paris. A gripe espanhola levou-o porém dias antes de se assinar o armistício, e no mesmo ano morreu Santa-Rita. Com a morte de ambos, se encerrou o primeiro capítulo da arte moderna em Portugal — e Amadeo (que fora proclamado pelos seus camaradas «a primeira descoberta de Portugal na Europa do século XX») foi ficando como um nome a custo lembrado, como um mito mais tarde, dentro da vida artística portuguesa. A sua obra só seria redescoberta duas gerações depois, e mostrada em Lisboa ao fim dos anos 50.

Amadeo e os seus companheiros formam aquilo a que tenho chamado a «primeira geração» da arte moderna em Portugal — aquela que, vivendo entre parêntesis, fabricando um tempo irreal, se não «ilegal», ardendo num fogo de palha em breve consumido, tentou dar uma notícia de modernidade a uma nação que, sem preparação para tais aventuras, dela não sabia que fazer...

Os anos vinte são a prova disso, na medida em que enterraram em cansaço, desinteresse e mediocridade, as propostas dos anos 10. Entre 1918 e 1935 contam-se anos vazios — tentativas falhadas de exposições colectivas, a emigração dos melhores pintores que restavam da geração sacrificada (Almada, Viana) e daquele que seria o melhor de uma nova geração que despontava em meados dos anos vinte (Eloy). O estatuto político do país transformara-se em 1926 — mas se assim se pusera termo a um século XIX que se arrastava, com estruturas cada vez mais enfraquecidas, pelo primeiro quartel de novecentos, não se iniciou então uma estruturação moderna capaz de definir necessidades mentais próprias do século XX, e antes a nação se fixou numa espécie de atemporalidade que a tem conservado arredada, desde então, das peripécias da história contemporânea como do seu sentido maior — no plano económico da industrialização, no plano pedagógico e no plano cultural mais geral.

A análise da vida artística portuguesa permite-nos melhor conhecer os problemas nacionais e, quando em 1932 Fernando Pessoa (um grande poeta universal que a Europa só recentemente reconheceu), definia a vida mental portuguesa através de coordenadas dum carácter «provinciano», com a sua falta de originalidade, emoção e de vontade, ele repetia um diagnóstico que os homens do «Iluminismo», emigrados pela Europa,

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
GORTTS

Provas remetidas à Censura

em/ 18-12/64

Prova n.º III

Saída em 28/12/64



estética do Ocidente, ao princípio da segunda metade do século. Vespeira, Fernando Azevedo e Fernando Lemos trouxeram a esse rumo uma exigência poética que o surrealismo lhes impusera e uma exposição comum, organizada já em 1952, tivera uma importância imediata no desencadeamento da renovação estética nacional. Dos três, Azevedo permaneceria mais fiel a um primado do poético, na exploração subtil dum universo comandado por valores órficos; Vespeira abrir-se-ia a uma exploração física do espaço pictural, até à criação original de uma espécie de «espaço elástico», integrável nas condições modernas da ambiguidade que define topologicamente os valores espaciais na pintura dos meados do século. Lemos lançar-se-ia noutra aventura, produzindo, numa série impressionante de desenhos, a proposta do que eu tenho chamado uma «escrita mórfica», impregnada de valores mentais e sensíveis do Ocidente, em oposição à escrita «caligráfica» dos Orientais. Uma recente estadia no Japão afirmou-o no seu propósito, reconduzindo-o à pintura de que por disciplina se arredara durante uma dezena de anos.

Mas Lemos põe um problema de extrema gravidade dentro da arte portuguesa dos anos 50-60: o da emigração dos artistas. Amadeo pertencera à Escola de Paris de antes da guerra de 1914 e só a morte impediu o seu regresso a França; os seus companheiros, já o vimos, intitulavam-se «de Paris» — mas era por polémica que o faziam. Na geração seguinte, Paris continuou a ser para todos os artistas nacionais um pólo de atracção, uma espécie de mito — mas também um só se atreveu a torná-lo realidade: Vieira da Silva. Ao nível da «terceira geração», porém, com alguma transformação das condições de vida, com uma circulação tornada mais fácil e sobretudo mais «habitual», Paris passa a ser um alvo real, que importa atingir. E não é só Paris: é a Alemanha, Roma, Londres, e o Brasil também. É justamente Fernando Lemos quem, na ponta mais idosa da geração, se atreve a partir em primeiro lugar; será o único a fazê-lo, entre os da sua idade, durante muito tempo, mas os mais novos, animados por uma coragem nova, beneficiando de outros costumes (e até de outras possibilidades, traduzidas por bolsas de estudo que a fundação Gulbenkian passou a atribuir), não hesitaram em partir, instalando-se pelo mundo fora, definitivamente, ou numa vaga espera de verem mudadas as condições de existência que o país lhes oferece.

Por enquanto (e isso os leva à emigração), essas condições definem-se de uma maneira amplamente negativa. Um mercado inexistente traduzido apenas por vendas ocasionais que nenhum «marchand» sistematiza ou anima, uma ou duas galerias reduzidas a um inocente papel de salas de exposição, uma quase total ausência de crítica especializada, de publica-

SERVIÇOS DE CENSURA  
AUTORIZAÇÃO  
CORTES

em/ 24/12/64

Prova n.º 1888

Saída em 28/12/64

*impiedoso e precipitado dos homens.*

*Lembro-vos como estes desse livro singular*

Vamos cavar a terra, povo,  
entrar pelas águas:  
o Rei pede mais ouro, sempre,  
para Portugal.  
(...)

A terra tão rica  
e — ó almas inertes! —  
o povo tão pobre...  
Ninguém que proteste!  
(...)

Mas o que aguenta as coroas  
é sempre a espada brutal!

*E este Romance LXXXI ou dos Ilustres Assassinos, que não resisto  
a transcrever integralmente:*

Ó grandes oportunistas,  
sobre o papel debruçados,  
que calculais mundo e vida  
em contos, doblas, cruzados,  
que traçais vastas rubricas  
e sinais entrelaçados,  
com altas penas iguais  
embebidas em pecados!

Ó personagens solenes  
que arrastais os apelidos  
como pavões auriverdes  
seus rutilantes vestidos,  
— todo esse poder que tendes  
confunde os vossos sentidos:  
a glória, que amais, é desses  
que por vós são perseguidos.

Levantai-vos dessas mesas,



SERVIÇOS DE CENSURA  
(GÉNÉRE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

em 24-12/64

Prova n.º 12090

Saída em 28/12/64



saí das vossas molduras,  
vêde que masmorras negras,  
que fortalezas seguras,  
que duro peso de algemas,  
que profundas sepulturas  
nascidas das vossas penas,  
de vossas assinaturas!

Considerai no mistério  
dos humanos desatinos!  
e no pólo sempre incerto  
dos homens e dos destinos!  
Por sentenças, por decretos,  
pareceríeis divinos:  
e hoje sois, no tempo eterno,  
como mestres assassinos.

O sobrebos titulares,  
tão desdenhosos e altivos!  
Por fictícia austeridade,  
vãs razões, falsos motivos,  
inútilmente matastes:  
— vossos mortos são mais vivos;  
e, sobre vós, de longe, abrem  
grandes olhos pensativos.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(STATE)  
AUTORIZADO  
COM

*Aliás a ausência na poesia de Cecília Meireles dum julgamento de si própria e dos outros insere-se no seu alheamento do que podemos chamar os problemas do mundo do seu tempo. No poema Destino Cecília Meireles contrapõe o seu mundo de pastora de nuvens ao mundo dos pastores da terra: o seu mundo é a campina sem fim, fora do espaço e do tempo, entregue a uma tarefa que não acaba nunca, que não permite repouso nem sono, perseguindo formas com feitios falsos; o dos outros é o mundo sem lugar para incertezas e aventuras, do quotidiano convencional e limitado pelas conveniências de toda a ordem, de certezas tranquilizantes e de ideias aceites sem discussões nem dúvidas. Nunca entenderéis a minha condição — é o muro que Cecília Meireles ergue entre si e os outros, conhecendo-se e conhecendo-os. Cecília Meireles vive assim fora da vida integrada no reino dos que se negam a qualquer acção por antecipadamente a saberem vã, resistindo a qualquer forma de compaixão ou de esperança.*



## BOLÍVIA — GOVERNOS QUE MUDAM, MISÉRIAS QUE FICAM

## 1) Pequena noção da Bolívia

Todos os ingredientes do subdesenvolvimento económico, da opressão política e do atraso social se conjugam neste país de forma particularmente acentuada, mesmo em relação ao contexto latino-americano no qual está inserido! Uma população de cerca de três milhões e meio de habitantes, mais de metade da qual indiana ou mestiça, para uma área territorial de 405 000 m<sup>2</sup>. O acesso ao mar cortado a partir das guerras com o Chile (1879-82), 68 % da população analfabeta. Apesar das importantes minas de estanho (o país é o segundo produtor mundial) e de tungsténio, o sector primário absorve 49,4 % da população activa mas preenche uma quarta parte acentuadamente minoritária do produto interno bruto<sup>1</sup>. Um rendimento individual médio anual da

<sup>1</sup> Não se sotria demasiado: Em Portugal e em 1960 o sector primário absorvia 42,8 % da população activa e integrava apenas 24,7 % do produto bruto. — (Anuário Estatístico I. N. E.)

ordem dos 75 dólares. ~~Um bem apetrechado exército cujos efectivos devem actualmente ultrapassar os 25.000 homens. Um clericalismo cuidadosamente subsidiado pelo Estado.~~

<sup>2</sup> «~~Contra quem se armam os latino-americanos? Porque é que os nossos países se arruinam com armamentos custosos que jamais poderão utilizar? Temos, talvez, um papel militar a desempenhar nos grandes conflitos internacionais. Não, jamais. Nesta era da bomba atómica, com armamentos incrivelmente caros, com sistemas técnicos que custam milhões, por que vão os nossos pobres países continuar a arruinarem-se com armas que num conflito internacional nada representariam? Para quê? Estamos a criar exércitos que nada representam nas questões internacionais, mas que devastam a economia interna de cada país. Cada país está a ser ocupado pelo seu próprio exército.~~ Palavras do ex-Presidente da Colômbia, Eddardo Santos, e que nos parece que não deverão ser aplicadas somente ao contexto latino-americano).

Um total desconhecimento do que seja ou haja sido um sistema político democrático. Uma política externa hipotecada à continuação do auxílio financeiro norte-americano.

Claro que a Bolívia, na América Latina e para fora dela, não está só no que diz respeito a este tipo de estado de coisas; somente que na Bolívia este tipo de estado de coisas se tem vindo a revelar de um modo excessivamente cruel.

## 2) Os últimos doze anos

Em Maio de 1952, insurreições populares organizadas e conduzidas pelos sindicatos dos mineiros de estanho puseram termo a uma longa série de ditaduras militares e guindaram ao poder um partido político cujo processo ascensional vinha acabando de atingir o seu auge: o Movimento Nacional Revolucionário; o M. N. R. era então comandado por quatro homens cuja profundidade de divergências era perfeitamente sintomática da heterogeneidade do partido: Victor Paz Estensorro, Juan Lechin, Guevara Arze e Hermán Siles Zuazo. Deve ter-se estabelecido entre estes quatro políticos como que um pacto de rotativismo que permitiria a cada um deles ocupar, por quatro anos, a presidência da república. Começou-se por aquele que possuía uma já razoável experiência de governo, o ex-ministro das finanças Paz Estensorro, e com ele se iniciou o período aceitável do novo regime: procurou minimizar-se o poder do exército em favor da constituição de milícias operárias e camponesas; fecharam-se os ouvidos àqueles «barões do estanho» que como Simon Patino, Arranmayo e Hoschild se vangloriavam de serem capazes de levar à falência qualquer governo que tentasse prejudicá-los, nacionalizando-lhes as minas. Promoveu-se a reforma agrária. Lutou-se contra o analfabetismo. As represálias desencadeadas pelos capitalistas bolivianos e americanos aliou-se no entanto uma conjuntura internacional altamente desfavorável ao novo governo: com o termo da guerra da Coreia baixara o nível da

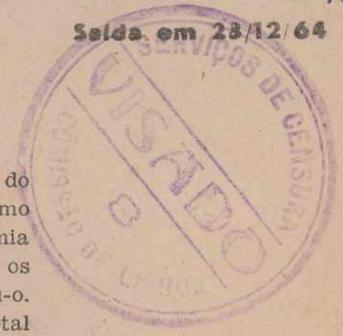
SERVIÇOS DE CENSURA  
(SÉDE)  
AUTORIZADO  
COM  
CORTES

Provas remetidas à Censura

em 24-12/64

Prova n.º 12393

Saida em 23/12/64



procura do estanho; por outro lado, as principais fundições encontravam-se fora do território boliviano e o seu acesso foi, naturalmente, dificultado; o funcionalismo parasitário e a falta de recursos técnicos completaram o insucesso. A sorte da economia boliviana estava infelizmente ligada à sorte da sua principal produção: Em 1954 os E. U. A. ofereceram um empréstimo de 14 milhões de dólares e Estensorro aceitou-o. Aceitou igualmente mais 23 milhões em 1958. E continuou aceitando até um total de 300 milhões. Reformista frustrado, Estensorro irá guinando cada vez mais à direita até entrar no domínio do cesarismo. Em 1956 cede a presidência a Siles Zuarzo com o único fito de se dedicar durante esse tempo ao reforço da sua posição no interior do M. N. R. Em 1960, seria a vez de Guevara Arze ou de Juan Lechin. No segundo reside a maior ameaça — esquerdistas, ministro das Minas no primeiro quadriênio do novo regime, prestigiado entre os mineiros. Estensorro cede-lhe a vice-presidência prometendo-lhe a presidência para o quadriênio seguinte e regresse ao primeiro posto, depois de depurar do M. N. R. Guevara Arze. A U. R. S. S. oferece entretanto um empréstimo de 150 milhões de dólares. Contra o parecer dos sindicatos mineiros Estensorro recusa a oferta e faz reforçar a sua política de subordinação em relação aos E. U. A. As milícias operárias ingressam na oposição: Partido Operário Revolucionário (P. O. R.), de orientação trotskysta, e Partido Revolucionário da Esquerda (P. I. R.), pró-comunista; para compensar a perda, Estensorro reergue o poder militar, facto que lhe virá a ser fatal. Finalmente, com o aproximar do termo do seu segundo mandato, Estensorro faz introduzir na constituição política do país alterações que lhe permitam candidatar-se de novo. Como porém se tornara impossível a ideia de uma reaproximação em relação a Juan Lechin, cuja posição de solidariedade para com os mineiros se mantivera tão firme quanto a não conformismo de ambos, vai procurar-se ao exército o novo «segundo»: René Barrientos Ortuño, general da força aérea e, muito à maneira militar latino-americana, bem parecido e politicamente ignorante de tudo o que não seja admiração para com os Estados Unidos. Num sistema político como o boliviano não estava evidentemente em causa o resultado das eleições realizadas em Maio deste ano: Victor Paz Estensorro iniciou terceiro mandato presidencial confiado na sua capacidade governativa, na fidelidade do exército (que acabara de presentear com uma vice-presidência), e na insignificância prática das forças que se lhe opunham.

### 3) Governos que mudam, misérias que ficam

Tudo se passou porém de modo substancialmente diverso: A partir de Outubro, não só os mineiros, sector social cuja hostilidade ao governo vigente já estava mais que demonstrada, enveredaram pelo caminho da insurreição aberta, como também nessa insurreição foram apoiados por um outro sector cuja oposição ao governo Estensorro estava até então virgem de processos violentos: ~~Em La Paz e em Cochabamba os estudantes bolivianos chegaram a barricar-se nos edifícios das faculdades e a produzir baixas nas forças policiais que os atacavam.~~ Estensorro agita-se e apela para o exército; — o exército intervem e esmaga os tumultos. Está portanto agora aberto o caminho para um clássico sofisma que o «vice» Barrientos e as altas patentes militares não tardam em utilizar: 1.º O povo não apoia Estensorro — o exército derruba Estensorro (4 de Novembro); 2.º É necessário manter a ordem — uma Junta Militar ocupa o governo (5 de Novembro).

Modestissimamente, o triunfador René Barrientos recusa a presidência da junta militar, em que é empossado o também general Ovando Candia. Fazem-se declarações de ocidentalismo e, claro, prometem-se eleições livres para «quando a calma for restabelecida». É também claro que o aniquilamento político da esquerda boliviana será desde logo certamente encarado como condição «sine qua non» do restabelecimento da calma.

S. P. S.

SERVIÇOS DE CENSURA  
(SEDE)  
AUTORIZADO COM  
CORTES

## UM CASO SINGULAR

O condado de Neshoba mereceu, súbitamente mas não por acaso, a atenção internacional. O condado de Neshoba é uma circunscrição administrativa do estado do Mississippi, onde a comunidade branca prossegue a sua guerra centenária e feroz contra a comunidade negra. Da tradição da referida guerra, do Deep South, do Mississippi e do citado condado faz parte o assassinio impune. Vítimas, que não merecem a consideração dada à pessoa humana, os negros sabem que a prática judicial consagrou desde sempre essa impunidade.

Em Junho último, três militantes (dois brancos e um negro) da campanha de direitos civis foram assassinados em Neshoba e os seus cadáveres expostos amarrados pelo pescoço a determinado poste telefónico, para edificação e exemplo. A Agência Federal de Investigação, o F. B. I., por ordem do presidente Johnson, conduziu um inquérito na localidade e, do cabo de cinco meses, apresentou o seu relatório que incriminava vinte e um homens residentes na região.

Acontece, porém, que como de costume os vinte e um culpados não tardarão em sair para a rua numa prestigiosa e festiva liberdade.

Porquê? Porque, de um lado, o xerife de Neshoba e o seu imediato — que se encontram entre os réus e ajudaram a suprimir as provas existentes — haviam sido eleitos pela população com a promessa explícita e, portanto, o mandato, de terrorizar os negros (get tough with the negroes). O exercício desse mandato não pode legalmente sofrer a fiscalização de funcionários federais, estando apenas sujeito ao governo do Estado, por outras palavras, a um governo racista. Disto resulta que, não dispondo o Ministério da Justiça de autoridade constitucional sobre a política dos condados, não se encontra em posição de impedir o uso da tortura ou a prática de prisões arbitrarias, que são precisamente os meios principais a que se recorre para intimidar todas e quaisquer testemunhas que estejam dispostas a depôr contra os assassinos. Resulta também que os negros e os brancos integracionistas continuarão a ser legalmente brutalizados ou mortos. O sistema que abre a possibilidade de isso suceder, fornece também a necessária protecção aos agentes e executores quando isso sucede.

De outro lado ainda, existem duas espécies de crimes nos Estados Unidos, os crimes federais, ou da alçada da jurisdição federal, e os crimes estaduais, ou da alçada da jurisdição estadual. Ora, segundo a ordem jurídica americana, pertence a doze cidadãos da mesma comunidade do réu (ou réus) o direito de decidir, em primeira e última instância, da culpabilidade deste (ou destes). Os mencionados cidadãos, que em conjunto constituem o júri, nasceram igualmente no sul, partilham idênticos preconceitos, temores e ódios que levaram os acusados a matar. Não é, assim, difícil imaginar que não há memória (apresentem-se provas incontestáveis) de um júri segregacionista considerar um branco culpado de eliminar negros e brancos integracionistas. Negros e brancos integracionistas não passam de infra-seres e traidores que a terra e o Sul ganharão em perder. Nenhum homem de bem deverá atormentar-se com o seu voluntário ou involuntário desaparecimento.

Poucos comentários a questão sugere, mas os que sugere têm certa importância.

~~Em primeiro lugar, constate-se que o facto da tortura e do assassinato se apresentarem como processos legais continua a repousar não poucos indivíduos, essa espécie de indivíduos preparados para aceitar o genocídio dos judeus, o genocídio dos eslavos, crimes e torturas sem conta, desde que os tribunais, não interessa que tribunais, se preparem para salvaguardar a legalidade do acto e a liberdade do carrasco. Sob esse aspecto, o condado de Neshoba é um sítio em que muito do mundo contemporâneo se reencontra e se reconhece. Em segundo lugar, entenda-se melhor e com mais clareza o que o senador Goldwater queria dizer quando púdicamente dizia ser imprescindível respeitar e fortalecer os direitos dos estados.~~

V. P. V.



SERVIÇOS DE CENSURA  
 (SERV.)  
 AUTORIZADO  
 COM  
 PORTES

## O CONGO E OS VENTOS

DOS «Ventos» que têm assolado o Congo — ex-Belga em Junho de 1960 — muito se tem falado. As interpretações vão desde o «furacão» motivado por uma confluência de ventos do Oriente e do Ocidente, até aos males que advém de se terem desencadeado forças que não se podem ou não se sabem dominar, isto é, de uma independência prematura. Certa imprensa particularmente atenta a estes fenómenos, prevendo possíveis tempestades (a conjugação actual dos ventos é propícia ao seu desencadeamento) avisa os incautos de consequências opocalípticas. As análises e previsões têm sido vastas e profundas (por ser abundante a bibliografia dispensamo-nos de a indicar). Outros porém ao falarem do Congo invocam a ineficácia da administração Belga desde o tempo de Leopoldo II até 1960. Recordam que o Congo era administrado nos mesmos moldes duma empresa comercial e que a única preocupação era a rentabilidade dos capitais investidos nomeadamente na zona mineira do Katanga. Rectificamos: a administração Belga também se preocupava em impedir que um negro funcionário público ultrapassasse o cargo de dactilógrafo e quando fizesse parte do exército o posto máximo que podia ocupar era o de sargento, qualquer que fosse a sua cultura. Disto resultou que quando da independência aparecessem «generais» e «ministros» que na véspera tinham sido sargentos e dactilógrafos. Tudo o que aconteceu foi intencionalmente especulado pela imprensa acima referida.

Passemos aos factos:

Para compreendermos o que actualmente se passa no Congo é necessário fazermos um pequeno esboço dos factos passados desde a sua independência, pois nestes encontramos a explicação, as causas da actual perturbação. Nada aconteceu por acaso e a lógica dos acontecimentos chega a ser impressionante. Em Junho de 1960 o Congo tornou-se independente e constituiu-se um Estado sob a presidência de Kazavubu (leader do movimento Bakongo), tendo como primeiro ministro Patrice Lumumba (pertencente ao Movimento Nacional Congolês). Enquanto que o primeiro enveredava por uma política federalista e direita; o segundo pretendia a formação de um Estado unitário coeso acabando com a força de atrito dos diversos grupos tribais. Alinhava numa política de esquerda e de emancipação económica do Congo. E quando em Agosto de 1960 (três meses após a independência) Lumumba corta relações diplomáticas com a Bélgica surge a contradição de um governo constituído por elementos heterogéneos. Pois Kazavubu impõe a demissão a Lumumba. Na divergência destes dois «leaders» encontra-se a explicação do muito que posteriormente se passou. Lumumba não só desaparece da vida política como do mundo dos vivos em condições pouco claras depois da sua cabeça ter sido posta a prêmio.

Mais tarde deu-se a cisão do Katanga chefiado por Tshombe membro do partido Conakat. Tshombe é bem o representante dos interesses Europeus nomeadamente da Bélgica. Kasavubu o interesse das grandes firmas Americanas. Cindiu-se não só a riquíssima zona do Katanga, como os interesses do Bloco Ocidental. Interessava antes de mais anexar esta zona ao resto do Congo pois segundo era corrente este não podia sobreviver com esta amputação. Então Kasavubu não hesita em recorrer a um governo de coligação dirigido por Cyrille Adoula e Gizenda (sucessor de Lumumba e representante da esquerda). Tshombé encontra-se isolado. Vencido. Mas uma vez derrotados os mercenários de Elisabethville e feita a unificação desejada Gizenda era inoportuno. Prenderam-no e verificou-se que Tshombé podia ainda ser útil à República Democrática do Congo (tentativa de conciliação das direitas e isolamento das esquerdas), pois



SERVIÇOS DE CENSURA  
(SERV)  
AUTORIZADO  
COM  
CONTES

em 24-12/64

Prova n.º 164/34

Saida em 28/12/64

~~não eram fundamentalmente opostos os interesses das empresas privadas dos Estados Unidos e da Bélgica.~~ Assim surge-nos Tshombé no 1.º plano da cena política do Congo. Nacionaliza algumas minas do Katanga tirando assim um certo conteúdo da reinvidicação das esquerdas e porque durante muito tempo se apregou serem estas indispensáveis para a manutenção do Congo.

É contra esta actual conjuntura de interesses privados que os rebeldes lutam. Agrupam-se na C. N. L. (Comissão Nacional de Libertação) que aglutina os seguintes partidos: M. N. C. (Movimento Nacional Congolês) Lumumba; P. S. A. (Partido Solitário Africano) Gizenda; U. D. A.; P. N. C. P.; U. C. P. C.; Balubakat e Luka. A C. N. L. tem o apoio tácito do Berrundi e Congo-Brazaville países fronteiriços. É neste último país que está a sede da C. N. L. cujo presidente é Christophe Mgbenye.

Os rebeldes chefiados por Pierre Mulele dominam desde longa data a província de Kikuit. Mulele é um antigo colaborador de Gizenda e ex-ministro da Educação do governo de Lumumba. É o chefe da organização «Jeunesse».

Gaston Jonmialot que também faz parte da C. N. L. actua ao Norte do Katanga e no Kivu onde instalou um Governo Provisório. Soumialot é dirigente do M. N. C. partido do qual Lumumba já fez parte.

Na fronteira entre os dois Congos, ex-Francês e ex-Belga, actua um terceiro grupo chefiado por Cristophe Mgbenye.

O ponto culminante destes movimentos situa-se em Agosto de 1964 quando os rebeldes tomam Stanleyville que mais tarde vieram a abandonar após uma feroz resistência. ~~Stanleyville foi tomada por acção conjunta dos Americanos (aviões), Belgas (homens), Inglaterra (bases), mercenários (na sua maioria brancos) e Exército Nacional Congolês. Tudo isto como se depreende leva a acusar o «branco» de intrusão no Congo. Abandonou-se a velha tática de apoio económico para ir para uma acção directa, eficaz a curto prazo e desastrosa a longo prazo.~~

A rebelião no Congo está muito longe de ter sido esmagada. Kasavubu conhecedor das profundas razões do alastramento da rebelião, decreta a anulação de todas as concessões mineiras a sociedades internacionais. É um gesto ineficaz pois determinados factos estão consumados. E estes são irremovíveis.

E. M. S.

REDAÇÃO  
DOM  
CORTEIS

em/ 6-1/65

Prova n.º 139

Solda em 28/12/64



## SARAGAT: A ELEIÇÃO MAIS LONGA

**A**PÓS 13 dias de eleições ocupados por 21 escrutínios (o recorde do mundo) a Itália conseguiu um Presidente da República: Giuseppe Saragat, 66 anos de idade, leader do partido social-democrata, «digno da alta missão de dirigente e de moderador» (conforme muito bem disse o Osservatore Romano) foi eleito por 646 votos (democratas-cristãos, republicanos, socialistas nennianos, comunistas e sociais-democratas propriamente ditos) num parlamento de 963.

Por muitas razões (duração recorde, filiação política do novo presidente, estranheza da coligação vencedora) a eleição merece uma certa atenção crítica — que nem sempre recebe.

Antes de tudo o resto é preciso marcar bem o verdadeiro significado da eleição (e não do resultado da eleição): sendo o cargo de presidente da República meramente honorífico-decorativo, a eleição consiste numa prova de força e não na luta pela conquista dum cargo político importante.

~~Referimo-nos à Itália, como é bem de ver~~

Passando agora à análise do próprio resultado das eleições, vejamos como decorreram alguns escrutínios exemplares:

	5.º escrutínio	14.º escrutínio	18.º escrutínio
Leone (DC) . . . . .	294	406	—
Terracini (PC) . . . . .	252	353	—
Saragat (SD) . . . . .	140	8	319
Fanfani (esquerda DE) . . . . .	120	132	20
Martino (liberal) . . . . .	54	—	—
Pastore (sindicalista DC) . . . . .	13	—	—
Nenni (socialista) . . . . .	—	—	380
Abstenções e votos brancos . . . . .	31	148	106

Estes números mostram-nos três fases na eleição: a primeira em que a DC pensa poder fazer eleger o seu candidato sem recorrer aos restantes partidos da coligação actualmente no poder: o centro-esquerda; uma segunda fase em que Leone, o DC oficial, já apoiado por fascistas e liberais, tem que desistir (após o 14.º escru-

*Les beaux esprits se rencontrent.*

tínio); a DC, na expectativa, apoia Saragat; surge então Nenni apoiado pelos seus socialistas, pelos da unidade proletária e pelo PC (18.º escrutínio); novo impasse; finalmente o PC e os socialistas abandonam Nenni para se juntarem à anterior coligação DC/SD/PRI, fazendo eleger Saragat.

Quer isto dizer que inicialmente a DC resolveu abandonar a experiência de centro esquerda o que significou necessariamente uma ressurreição do centro direita (14.º escrutínio). A primeira coisa a dizer a isto é que a experiência falhou: o centro direita é impossível em Itália. Quer se goste quer não se goste, a prova dos nozes está tirada e contra factos (ou contra votos) não há argumentos (embora certas cassandras pareçam perfiñar a opinião inversa: contra argumentos, não há factos). A segunda coisa a dizer é que o centro esquerda segundo a própria actuação da DC não tem razão de existir: se a coligação era boa para formar governo, porque é que já o não era para eleger o presidente da República? O centro esquerda aparece-nos então como um expediente oportunista da DC/ permanecer no poder, afastado como está o centro

*E a fortiori da social-democracia.*

SERVIÇOS DE CENSURA  
 (S.E.D.E.)  
 AUTORIZADO COM CORTES